A TEOLOGIA FEMINISTA CRISTÃ E A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NA CULTURA OCIDENTAL CONTEMPORÂNEA

Manuela Silva

Professora Catedrática Aposentada.

Instituto Superior de Economia, Universidade Técnica de Lisboa

Resumo Depois de situar a teologia feminista cristã no contexto do pensamento teológico-bíblico, este artigo ilustra os seus contributos mais relevantes para a representação do feminino. São tópicos fundamentais: i) a desocultação da presença das mulheres na história da salvação; ii) um novo olhar sobre o pecado e a culpa na interpretação de Genesis 1-3; iii) integração dos símbolos cristãos numa perspectiva inclusiva e não andrógina ou patriarcal; iv) a participação das mulheres nos diferentes ministérios e a partilha de responsabilidades e poderes. Estes tópicos são tomados apenas como exemplo pois se entende que a teologia feminista questiona toda a teologia, sem se circunscrever às representações do feminino.

Consciente do mistério que a envolvia, e com o qual ela própria se maravilhava nas suas ponderações nocturnas, a mercadora pesava os prós e os contras de empreender uma longa viagem.

[M.I. Barreno, *O círculo virtuoso*]

Nota prévia

Uma comunicação feita a um congresso ou seminário reveste, em regra, o carácter de um texto exploratório em que o seu autor/a procura esboçar e fundamentar novas hipóteses de pesquisa ou submeter à crítica teses que reputa originais.

Neste texto, não é, porém, disso que se trata. Esta comunicação é, apenas, um ensaio de síntese pessoal de um vasto leque de leituras de textos de teologia feminista cristã provenientes de uma grande variedade de autores/as, leituras feitas na perspectiva de vir a descortinar o seu possível

Contributo para a representação da identidade do feminino na cultura ocidental contemporânea.

Nisto consiste a minha resposta ao convite que me foi dirigido para participar com uma comunicação no Seminário sobre "A Filosofia e o Feminino", na secção votada à teologia.

Não sendo eu, nem filósofa, nem teóloga, o meu contributo só poderia ser o da generalista, que reflecte a partir da sua experiência empírica e/ou indaga acerca do pensamento sistemático, já elaborado por outrem.

Começarei por definir os contornos da teologia feminista cristã (ponto 1), com referência ao seu começo e desenvolvimento (1.1), às suas características gerais (1.2) e à relação que existe entre a teoria feminista cristã e o labor dos movimentos feministas (1.3).

Traçadas as coordenadas que permitem situar a teologia feminista, cristã, ilustrarei, com alguns exemplos, o tipo de contributos que dela se podem esperar para a representação do feminino na cultura ocidental contemporânea. Refiro, em primeiro lugar, o trabalho de releitura dos textos bíblicos na perspectiva da desocultação da presença das mulheres na História da salvação (ponto 2), ilustrando-o com três estudos paradigmáticos: as matriarcas (2.1), a mulher do evangelho que ungiu a cabeça de Jesus (2.2) e o lugar de Maria de Magdala na comunidade dos primeiros discípulos de Jesus (2.3).

Num segundo momento, procuro sintetizar alguns resultados da investigação feita em torno dos primeiros capítulos do Génesis. Este texto, que serviu, no passado, como fundamento teológico para assinalar às mulheres um estatuto menor e de subordinação, relido, agora, num contexto cultural diferente e à luz das aquisições de uma nova hermenêutica teológica, pode servir de base a uma antropologia não sexista e a um humanismo de raiz paritária (ponto 3). Se, por um lado, a teologia feminista cristã se dirige à superação dos preconceitos de matriz cultural (3.1), por outro, abre novas áreas de reflexão teológica, como sucede com a corporalidade e a sexualidade (3.2).

Muitos outros campos da teologia feminista cristã mereceriam ser abordados, Refiro-os apenas por memória e com mero intuito seminal (ponto 4).

Nesta comunicação, tive a preocupação de salientar os tópicos principais das problemáticas em foco, ainda que sem a pretensão de exaustividade. Para não ultrapassar limites de razoabilidade do tempo disponível, o desenvolvimento de cada tópico não vai além do enunciado dos remas e do esboço da respectiva abordagem. Deixo para outros, mais qualificados na matéria do que eu, a tarefa de levar por diante o trabalho agora começado.

1 Contornos da teologia feminista cristã

No "Dicionário da Teologia Feminista", num artigo assinado, conjuntamente, por Catharina Halkes e Hedwig Meyer-Wilmes, define-se a teologia feminista nos seguintes termos: "Teologia de mulheres de orientação feminista, que reconhecem, denunciam, criticam e desejam superar o patriarcado na sociedade, na Igreja e na convivência mútua".¹ E, logo a seguir, se precisa:

"Na teologia feminista, as mulheres ocupam o centro do interesse; nela são teologicamente valorizadas tanto as experiências de opressão no terreno da fé e da vida, o ser-silenciada-e-marginalizada, quanto as experiências bem sucedidas de libertação e de encarnação".²

Convirá assinalar que a teologia feminista não é uma teologia da mulher ou do feminino. Esta última — a teologia da mulher e do feminino — enquadra-se bem no pensamento teológico mais tradicional. Porém, ainda que possa tê-lo

enriquecido com novos desenvolvimentos e tenha aberto também perspectivas para um maior reconhecimento da identidade, dignidade e vocação das mulheres e preparado o caminho para a sua maior participação na sociedade e na Igreja, não chega a questionar os fundamentos nem propõe rupturas de paradigma, como sucede com a teologia feminista.

A teologia feminista parte de uma postura de base de enfrentamento radical da teologia dominante, que acusa de irremediavelmente eivada de premissas preconceituosas de raiz androcêntrica e enfeudada aos interesses da cultura patriarcal vigente.

A teologia feminista dá voz à insatisfação das mulheres face às consequências do pensamento teológico dominante no que se refere à sua marginalização/exclusão na sociedade e nas igrejas e, do mesmo passo, procura fazer caminho no sentido da consecução de uma efectiva igualdade em dignidade e direitos, tanto na sociedade civil como no espaço eclesial.

Na presente comunicação, vou cingir-me, explicitamente, ao contributo dado pela teologia feminista cristã para a representação do feminino na cultura ocidental contemporânea. Não quero, porém, com esta opção, subestimar o contributo que tem sido dado à causa feminista, através do desenvolvimento do pensamento teológico acerca da mulher e do feminino, elaborado, sobretudo, nos últimos 50 anos.³

2 Começo e desenvolvimento

A teologia feminista cristã começa a constituir-se como corpo científico a partir da década de sessenta, no rescaldo do Concílio Vaticano II, mas os seus antecedentes remontam a meados do século passado e, paradoxalmente, beneficia ainda que indiretamente, do contributo do Iluminismo.

No último quartel do século XIX, um grupo de mulheres cristãs americanas, lideradas por Elisabeth Cady Stanton, empreenderam, pela primeira vez, uma releitura da Bíblia na perspectiva feminista ou seja a partir da consciência que tinham de si mesmas como mulheres. O resultado desse esforço concretizou-se na edição da *Women's Bible* (em 1895, a primeira parte e em 1898, a segunda).

Este movimento transpõe, para o espaço da teologia, o conflito, então nascente no mundo secular, que tem por centro a tomada de consciência das mulheres acerca da sua identidade, a recusa da subordinação e marginalização a que se sentem votadas na sociedade e na Igreja e a reivindicação da igualdade de direitos, em todos os domínios da existência.

Nos primórdios deste labor feminista, a releitura da Bíblia visava quatro objectivos:

- expurgar dos textos sagrados os pressupostos andróginos e patriarcais que lhes subjazem, por razões meramente circunstanciais, relativas a certa época da história e da cultura, próprias dos seus autores (por exemplo, passagens do Antigo Testamento que associam a mulher à matéria, ao caos, ao mal ou

- certas passagens das Cartas de São Paulo, que recomendam às mulheres submissão aos seus maridos ou que impõem que elas não falem em assembleias eclesiais);
- fazer ressaltar as situações de subordinação e marginalização das mulheres referidas na Bíblia, consciencializando e dando voz à memória perigosa" da opressão feminina na História;
 - descobrir a História perdida (por não ter sido contada!) do lugar das mulheres na História do Povo de Deus, bem como na tradição das primeiras comunidades cristãs;
 - rever categorias, símbolos e linguagens do pensamento cristão e da liturgia em que aquele se exprime segundo uma perspectiva inclusiva, isto é, de modo a integrar a experiência das mulheres e a dar-lhe a devida visibilidade (por exemplo, a noção de Deus e a linguagem com que a expressamos, a teologia do pecado, a reflexão teológica sobre a corporalidade e a sexualidade, etc.).

Foi preciso esperar mais de meio século para que a teologia feminista ganhasse novo fôlego. Este ficou a dever-se, em grande parte, ao facto sociológico do acesso de um número significativo de mulheres ao ensino académico da teologia. Por essa via, as mulheres adquiriram capacidade e estatuto para fazerem teologia, e fizeram-no com autoridade, a partir da sua própria experiência humana e cristã.⁴

Por força desta nova teologia, as igrejas cristãs estão a mudar. Recorde-se que, na década de cinquenta, se dão as primeiras ordenações de mulheres presbíteras, em algumas igrejas protestantes. Na Igreja católica, depois do Concílio Vaticano II, temos assistido a ondas de avanço e recuo, como é próprio do evoluir das grandes instituições, mas são visíveis os sinais de mudança já alcançados e irrecusáveis os indícios de mudanças que se perfilam no horizonte da vida eclesial das diferentes confissões cristãs.

2.1 Características gerais

A teologia feminista cristã é uma teologia contextualizada e crítica.

É uma teologia contextualizada, porque leva em conta o carácter situado da palavra recebida e a historicidade das situações de vida sobre as quais se procura reflectir a luz da Revelação e da fé.

É uma teologia crítica, porque põe em questão os pressupostos andróginos e patriarcais, que têm estado na base do pensamento teológico vigente, faz a denúncia das suas implicações na vida das mulheres e na sociedade em geral e desvenda caminhos para os superar.

É uma teologia que, além de contextualizada e crítica, é, cada vez mais, uma teologia comprometida em busca da dignidade e do lugar das mulheres na sociedade e na Igreja.

É também uma teologia esperançosa, que promove uma mudança de olhar, atitude e comportamento, em primeiro lugar na vida das próprias mulheres, mas também na vida dos homens e na sociedade como um todo e na Igreja.

Numa síntese feliz, Elisabeth Moltman aponta como carácter diferenciador da teologia feminista o facto de esta ter em conta o sofrimento das mulheres e estar atenta às causas primárias injustas que o determinam.

Encontra-se nesta formulação algo de semelhante com a teologia da libertação, também ela atenta aos factores socioculturais, económicos e políticos, que influenciam e/ou determinam a experiência humana de exploração e subordinação.

A teologia feminista reflecte sobre a própria experiência da fé, no contexto em que esta tem lugar; interroga e medita sobre o movimento de libertação das mulheres e sobre o seu sentido histórico e, bem assim, aproveita das categorias conceptuais desenvolvidas pela hermenêutica feminista, em geral, para, por sua vez, criticar normas, valores e estereótipos de formato andrógino e patriarcal de que toda teologia tradicional está eivada.

Por último, cabe referir que a teologia feminista é, tendencialmente, uma teologia da totalidade, isto é, não se confina a um ou outro tópico, mas abrange, com novo olhar, e novo método, toda a Revelação e toda a mundividência e prática cristãs.

Conhecemos agora os seus primeiros frutos. Está nascendo uma teologia a partir de um novo paradigma antropológico e suportada por novas hermenêuticas.

2.2 Teologia feminista cristã e movimentos feministas: uma imbricação fecundante

Não é por mera coincidência que Elisabeth Cady Stanton, a quem se deve a iniciativa da Bíblia das Mulheres, seja também elemento dinamizador dos primeiros movimentos americanos em favor do sufrágio feminino nos EUA. Na origem de ambas as iniciativas, está a tomada de consciência da identidade das mulheres e o empenhamento em torná-la reconhecida e conseqüente para as diferentes instituições em que estão em jogo a igualdade de direitos das mulheres e homens, com o que isso significa de dignificação e libertação do ser humano, mulher e homem.

À primeira vista, pareceria, pois, lógico esperar que a Igreja, que se apresenta como defensora dos direitos humanos e perita em humanidade, tivesse acolhido positivamente os movimentos para a emancipação das mulheres e a sua acção em favor da igualdade. Historicamente, porém, tal não se verificou. As igrejas, e em particular a Igreja católica, viram com suspeição os movimentos feministas e as mudanças que eles protagonizavam.

Foi preciso esperar por João XXIII para que os movimentos feministas fossem tidos pela Hierarquia da Igreja católica como sinais dos tempos (cf. *Pacem in Terris*).

Contudo, a resistência da Hierarquia ao feminismo não deve fazer esquecer que, desde sempre, houve mulheres cristãs que estiveram envolvidas na luta feminista, com a intuição profunda de que a evangelização passa pela tomada de consciência de todas as servidões e formas de opressão ou marginalização e que as mulheres engrossam as fileiras dos oprimidos e explorados da Terra.

Outra das dimensões dos movimentos feministas, que é também cara às mulheres cristãs, é a da solidariedade, na sua expressão de sororidade: as mulheres irmãs numa mesma luta.

Desde há muitos séculos que, entre as mulheres cristãs, se estabeleceram particulares vínculos de solidariedade, revestindo, ou não, formas institucionalizadas e oficialmente reconhecidas, as quais permitiram fazer desabrochar, em todos os tempos, importantes focos de cultura feminina, que a desocultação do feminino a que ultimamente se tem procedido veio revelar. Pense-se, por exemplo, numa Hildegarda de Bingen e a sua acção sobre a cultura do seu tempo.

Reconhecendo que os movimentos feministas nasceram no mundo secularizado e foram em parte fruto do Iluminismo e da Revolução Francesa (mesmo que alguns dos seus expoentes máximos tenham permanecido cegos em relação ao género e, até, pelos seus discursos e posturas políticas, manifestamente discriminatórios contra as mulheres), julgo que eles tiveram o seu contraponto nas Igrejas cristãs, incluindo a Igreja católica.

As mulheres cristãs, ao tomarem consciência da situação das mulheres na sociedade, importaram essa reflexão para o espaço eclesial e deram-se conta de que a sua dupla pertença, à sociedade civil e à igreja, sob muitos aspectos se tornava conflitiva. Nos anos sessenta, esta crise teve diferentes desfechos: para umas o abandono massivo da pertença eclesial e, por arrastamento, em alguns casos, a rejeição da própria fé e prática cristã; para outras o reforço do seu empenhamento na construção de uma nova teologia e de um igreja com rosto de mulher.

A teologia feminista cristã é um caso exemplar do movimento mais amplo do despertar das mulheres para se assumirem como tal, de pleno direito, na sua relação de fé e na vida da comunidade eclesial.

Num relance retrospectivo, podemos, assim, verificar que sempre tem existido uma imbricação fecunda entre os movimentos feministas e o desenvolvimento da teologia.

E, mais uma vez, se constata que, à medida que surgem novos feminismos no sentido de reconhecer o lugar das mulheres na mudança global, na antropologia emergente, na nova civilização e no equilíbrio ecológico, também a teologia feminista evolui para se assumir como teologia da totalidade. Presentemente, já não se trata de isolar a problemática das mulheres e dos seus direitos e pensar sobre ela, mas a de meditar sobre a realidade no seu todo, a partir de um olhar inclusivo interessado e empenhado na mudança societal.

No plano secular, vive-se, agora, o tempo do feminismo institucional que reivindica um novo contrato entre o público e o privado que seja respeitador do género (depois de se ter passado pelo feminismo liberal — reivindicação da igualdade de direitos; o feminismo marxista — luta pela independência económica e igualdade de salário; o feminismo romântico assente na valorização dos supostos atributos específicos do feminino, o emotivo e o natural, por oposição ao racional e técnico). No plano da teologia feminista, caminha-se, em paralelo, para a fundamentação de uma nova forma de ser igreja.

3 A teologia feminista como “memória perigosa” ou o espaço de desocultação da presença das mulheres na história da salvação

De entre os múltiplos olhares, que configuram a teologia feminista merece destaque o labor intelectual de desocultação das mulheres nos textos da Revelação. Trabalho análogo tem sido empreendido, com êxito, em outras áreas disciplinares do conhecimento.

As pesquisas feitas nos vários domínios têm em comum a preocupação em reconhecer a especificidade do género feminino e masculino, recusando o padrão andrógino como referente da norma e procurando devolver às mulheres a visibilidade perdida por causa de grelhas de leitura baseadas no genérico homem ou decorrentes de filtros próprios de culturas andróginas e patriarcais e respectivas estruturas de poder que as suportam.

No caso da teologia, esta perspectiva analítica da desocultação das mulheres no espaço da Bíblia tem-se revelado hermeneuticamente muito fecunda, como se poderá ilustrar com os três exemplo que seguem.

3.1 *As matriarcas*

Exemplo paradigmático do esforço que as teólogas feministas estão fazendo no sentido da desocultação das mulheres na Bíblia é o livro recentemente editado em Espanha, sob a direcção de Isabel Gomez-Acebo, com o qual se inicia uma colecção, que tem por título sugestivo “En clave de mujer”. A obra a que me refiro intitula-se, simplesmente, “Releitura do Genesis”.⁵

A intenção do livro é falar das mulheres citadas no *Genesis*, mediante uma leitura reconstrutiva das suas personalidades, segundo um olhar feminista.

Como se diz na introdução, “a razão da nossa escolha foi ditada pela interpretação negativa a que, tradicionalmente, têm sido sujeitas as mulheres bíblicas, classificadas de tentadores, sedutoras, rivais... É bom determo-nos sobre elas e oferecer, se possível, uma leitura reconstrutiva das suas personalidades, que sirva de exemplo e de espelho para geração futuras. Retirá-las do anonimato e do silêncio, fazendo-as caminhar juntamente com os varões na senda que conduz à terra prometida, a mesma senda que nós, os seres humanos de todos os tempos, percorremos”.⁶

Da obra ressaltam múltiplas conclusões fundamentais de que destaco as seguintes:

- As mulheres também estiveram presentes, de modo significativo e consequente, na História do Povo de Deus, ainda que as suas personalidades tenham ficado, muitas vezes, ocultadas e outras vezes deformadas, por um discurso teológico andrógino e patriarcal típico da envolvente cultural desses tempos.
- É possível, desde logo, fazer uma leitura diferente do arquétipo de Eva e proceder à reabilitação da figura da mulher mítica apresentada com tentadora e a porta por onde entrou o mal no mundo, o bode expiatório de toda a

humanidade e que transmitiu a sua culpa a todo o género humano. Uma leitura diferente da tradicional permite contextualizar o relato bíblico na sociedade do seu tempo e constatar que o autor sagrado se limita a identificar a situação de discriminação de que as mulheres eram vítimas. Nesse contexto, a figura de Eva e recolocada na galeria das mulheres sábias e susceptível de ascender ao conhecimento do bem e do mal. A esta luz, Eva reaparece como a mãe de todos os viventes e “não há que imputar-lhe culpas de ordem moral ou de inferioridade temporal que sirvam para justificar posturas anti-mulher”.⁷

- O interesse pela vida das matriarcas é, por outro lado, uma das vias de pôr em foco que as mulheres não estiveram ausentes da história do Povo de Deus. As referências que lhes são feitas nos diferentes relatos do Genesis não só permitem conhecer a situação a que estavam sujeitas como mostram também como algumas mulheres sempre se destacaram, enfrentando, com enorme valentia e consciência crítica, essa situação, no sentido da sua própria libertação e da libertação do seu Povo em ocasiões especiais. No referencial da fé, cabe notar que Deus se revelou às mulheres tanto quanto aos homens, que conferiu às mulheres dons de profecia, que incumbiu as mulheres de missões-chave ao longo da História do Povo de Deus.⁸
- As mulheres referidas no livro do *Genesis* são espelho do projecto do Deus da libertação, na medida em que elas experimentam e exprimem o desejo de liberdade, que tão profundamente habita o coração do ser humano. A partir da sua própria condição de escravas (como Agar) ou de mulheres estéreis (como Sara) ou, simplesmente, enquanto observadoras compassivas da escravidão do seu povo (como Miriam ou Débora), a voz das mulheres não só se levanta para Deus, invocando o seu Nome e a sua protecção, como, em momentos de crise, quando tudo parece perdido, o seu engenho feminino sabe encontrar estratégias para vencer os inimigos (Judite).
- A obra a que nos referimos tem ainda o mérito de chamar a atenção para as figuras das mulheres escravas, as mais silenciadas e ausentes de entre as mulheres silenciadas e ausentes, mas a quem Deus se revela de forma compassiva e a quem confere missões importantes na História do Povo de Israel.⁹
- Não menos interessante é o capítulo que exemplifica o alcance do método reconstrutivo, segundo o qual aparecem a nova luz personagens tradicionalmente estigmatizadas por um olhar andrógino e patriarcal (Vd. Mercedes Navarro, *Las extrañas del Genesis, tan parecidas y tan diferentes*, obra citada).

Em síntese, a releitura do livro do Genesis, à luz de uma crítica feminista que vai ao encontro das mais recentes aquisições da hermenêutica bíblica e as integra, constitui um marco importante no caminho da revisitação e da representação da identidade das mulheres e do feminino.

3.2 “In memory of her”¹⁰

A obra de Elisabeth Schussler Fiorenza, editada em 1988, nos Estados Unidos, é um marco inquestionável no percurso da teologia feminista, numa das suas vertentes — a desocultação das mulheres na História da Salvação, a partir de uma releitura da Bíblia, segundo uma nova hermenêutica de raiz feminista.

Como a própria Autora assinala, o seu percurso é movido por uma preocupação de fundo — a busca da herança das mulheres.

É realmente paradoxal que presenças femininas, tão basilares na História da Salvação, tenham ficado totalmente silenciadas ou relegadas para planos menores. É o que sucede, por exemplo, com a mulher que ungiu a cabeça de Jesus e de quem Cristo terá dito que o seu gesto, de tão importante que era, haveria de ser lembrado até ao fim dos tempos.

Fiorenza adverte, não sem alguma ironia, (não seja a ironia o mais poderoso dos argumentos para questionar preconceitos...): “Três discípulos têm papéis destacados na narrativa da Paixão, segundo o evangelho de Marcos: dois dos doze, Judas que traiu Jesus e Pedro que o renega, e a mulher anónima que unge Jesus. As histórias de Judas e Pedro estão gravadas na mente dos cristãos, ao passo que a história da mulher está virtualmente esquecida. Isto, apesar da ordem expressamente dada por Jesus: *Em verdade, em verdade vos digo que onde quer que venha a ser proclamado o evangelho, em todo o mundo, também o que ela fez será contado em sua memória* (cf. Mc 14, 9). A acção simbólica profética da mulher não veio a fazer parte do conhecimento evangélico dos cristãos. Até o seu nome ficou perdido para nós. Onde quer que o evangelho seja proclamado e a eucaristia celebrada, é outra a história que se conta: a história do apóstolo que traiu Jesus. Recorda-se o nome do traidor, mas esquece-se o nome da discípula fiel porque era mulher” (cf. obra citada).

Esta cena é particularmente relevante, dado o valor simbólico da unção sobre a cabeça de Jesus que o consagra como Profeta, Messias, Cristo. Segundo a tradição foi, pois, uma mulher que reconheceu em Jesus o Cristo. Daí o comentário da Autora: trata-se de uma “história politicamente perigosa”, o que explica que o episódio, que é, aliás, narrado pelos quatro evangelistas, se apresente, em todas as narrativas, com variantes que permitem torná-lo mais adaptado à cultura patriarcal judaica e greco-romana da época.

O labor científico lavado a cabo pela teologia feminista de proceder a uma reconstrução das origens cristãs primitivas, que incluía as mulheres e o papel que elas desempenharam na história da salvação, é, assim, uma forma de dar às mulheres consciência do seu valor e de lhes devolver uma auto-estima, que séculos e séculos de cultura andrógina e patriarcal não ajudaram a construir.

À tendência cultural do passado para o silenciamento das mulheres e para a desconsideração da sua presença, há agora que contrapor um esforço de reconstrução feminista da memória ou seja de recuperação da herança cristã das mulheres. É este um dos filões promissores da teologia feminista cristã contemporânea cujas consequências para as igrejas e para a sociedade ainda são utílicas de apreender em todas as suas dimensões. Porém, exemplos colhidos em outros campos do mundo secular, como sejam a tomada de consciência da exploração por

parte da classe operária no mundo industrial no princípio do século, a dos povos colonizados de África a partir dos anos cinquenta, ou dos direitos dos índios da América Latina e outras minorias, deixam antever a força transformadora que poderá irromper, decorrente da maior consciencialização das mulheres acerca do seu silenciamento e marginalização. Por isso se fala de “memória perigosa”.

3.3 O lugar proeminente de Maria de Magdala na comunidade dos primeiros discípulos de Jesus

No mesmo sentido do trabalho atrás referido iniciado por Fiorenza tem-se desenvolvido toda uma literatura de desocultação da figura de Maria de Magdala, a discípula escolhida por Jesus para primeira testemunha do Cristo ressuscitado. Foi ela a primeira a quem Cristo encarregou de anunciar, aos apóstolos e demais discípulos, que Ele, que havia morrido, estava vivo.

Por este facto, que as fontes documentam, é a uma mulher que, em rigor, deve ser conferido o título de fundadora do cristianismo. Com efeito, é a partir de Maria de Magdala que vai ter início a Igreja como comunidade daqueles e daquelas que crêem que Jesus de Nazaré está vivo e vão dar testemunho desta sua experiência de encontro com o Ressuscitado e de anúncio do seu projecto de salvação.

Conhece-se, hoje, através de vários estudos, que a figura de Maria de Magdala, a Madalena, detinha um lugar de relevo na Igreja primitiva, como o demonstra a própria iconografia.

Em 1945, as descobertas da biblioteca de Nag-Hammadi, no Alto Egipto, permitiram alargar o conhecimento do papel de Maria de Magdala na Igreja primitiva, nomeadamente através de um manuscrito coopta, datado do século II, e que é conhecido como evangelho segundo Maria de Magdala. Tratar-se-ia, assim, de um evangelho apócrifo, se não escrito pelo menos redigido e transmitido sob autoridade de uma mulher e reflectindo o conhecimento e o sentir da comunidade eclesial constituída ao seu redor e sob a sua autoridade.

Esta descoberta é particularmente rica de consequências. Em primeiro lugar porque se trata de uma mulher, que teria tido acesso ao conhecimento espiritual e teológico, contrariando, assim, abertamente, as leis da sociedade então vigentes, em que às mulheres não era dado o direito de aceder aos estudos de religião nem de se pronunciarem nessas matérias.

Em segundo lugar, porque indicia e vem corroborar a ideia de que, na Igreja primitiva, teria havido comunidades cristãs de mulheres e homens conduzidas por mulheres.

Por último, não é sem consequências que o evangelho de Maria de Magdala venha mostrar que a mulher não é apenas a pecadora de que mais se fala. Ela é a amiga íntima de Jesus, a “iniciada” a quem cabe transmitir na comunidade os ensinamentos mais subtis do Mestre.¹¹

4 Uma releitura do relato da criação (Gen 1-3)

4.1 A superação dos preconceitos culturais e ideológicos

O Génesis ou *Livro das Origens* serviu, até há pouco tempo como fundamento teológico de uma posição menor e subordinada das mulheres.

Porém, a sua releitura, a partir de um contexto cultural diferente e à luz de uma nova hermenêutica teológica, poderá contribuir para lançar as bases de uma antropologia não sexista e para um humanismo de raiz paritária.

Subsidiariamente, a leitura feminista dos primeiros capítulos do Génesis permite rever certas categorias teológicas, designadamente: a corporalidade e a sexualidade, o pecado e a culpa, a relação mulher-homem, a representação ou imagem de Deus.

Convirá recordar que o livro do Génesis não é, nem uma narrativa histórica, nem a poesia de um mito, nem, muito menos, um tratado científico. Foi escrito por volta do século VI ou V a. C, isto é, depois da experiência do exílio na Babilónia, a qual marcou profundamente a experiência religiosa do Povo de Deus, e numa altura em que se desenvolveu todo um trabalho de compilação da tradição oral daquele povo, relativamente à busca de sentido para a sua vida colectiva.

É assim, que, no mesmo livro, se podem encontrar tradições diferentes, justapostas e sem qualquer crítica de permeio.

Por exemplo, em Gen 1, 26-31, refere-se a criação do ser humano, como varão e fêmea, à semelhança do que sucedeu com os outros animais, mas acima deles, porque criado à imagem de Deus. À mulher e ao homem, é confiado o encargo de cuidar das demais criaturas.

Em Gen 2, ... e Gen 3, ..., porém, a perspectiva é outra e permite sustentar o lugar menor e a subordinação da mulher ao varão. Infelizmente, durante séculos, foi esta última a versão mais difundida, por ser a mais consentânea com a cultura patriarcal dominante.

A hermenêutica teológica contemporânea tem, porém, posto em destaque vários aspectos que põem em causa a justeza de uma tal interpretação.

Em primeiro lugar, o argumento da natureza etiológica do texto: o texto descreve uma dada situação (no caso, a posição da mulher no contexto sociocultural do povo hebraico, seis ou cinco séculos antes de Cristo) e, assim, as palavras postas na boca do Criador não podem ser lidas como sendo prescritivas, mas descritivas.

Por outro lado, a leitura feminista do texto põe em destaque que a mulher, ao pretender apropriar-se da fonte do conhecimento do bem e do mal, surge na Bíblia com um papel fundamental: o de ser a iniciadora de um processo de humanização e de cultura, certamente num contexto de ambivalência e de risco e, por isso, vulnerável ao desvio, mas que nem por isso deve ser subestimado.

A crítica feminista desculpa a Eva, pondo em realce o essencial da mensagem: face aos desvios introduzidos pelo ser humano no plano de Deus, Deus sempre intervém, relançando a aventura humana mais para diante.

5 Pistas para a abordagem de novos temas

5.1 Corporalidade e sexualidade

A teologia feminista não se limita à releitura do Génesis na perspectiva das categorias tradicionais (dignidade do ser humano, mulher e homem; dimensão relacional do ser humano, etc.). Fá-lo também a partir dos interrogantes próprios de cada época. É, assim, que a teologia feminista contemporânea abre caminho, por exemplo, ao aprofundamento da corporalidade e da sexualidade, temáticas que, por múltiplas razões, ganharam, no nosso tempo, uma particular relevância como objecto de reflexão e compreensão sistemática.

Como lembra Mercedes Navarro, “os corpos das mulheres vivem actualmente numa particular situação de contrastes: os corpos/objecto, reclamo quotidiano da sociedade de consumo, co-existem com os corpos maltratados das mulheres, vexadas e mortas impunemente em muitos pontos do mundo. Enquanto as mulheres mais consciencializadas persistem em reclamar os seus direitos corporais e denunciam uma hegemonia da sexualidade quase exclusivamente genital, própria do patriarcado, um grupo infinitamente muito mais numeroso vê-se subjugado corporalmente, com escassa consciência do que lhe ocorre”.¹²

Uma melhor compreensão do ser antropológico da mulher reflectir-se-á, necessariamente, na re-visitação da corporalidade. E esta passa por uma concepção do corpo como parte integrante do ser humano, mulher e homem, a qual não é susceptível de alienação e, muito menos, de apropriação ou de posse.

A corporalidade humana surge na Bíblia como dado primigéneo em contexto relacional e onde a sexualidade é explicitamente valorizada por Deus. E, volto a citar Mercedes Navarro: “O corpo humano, em sua primeira definição sexual, denota uma visibilidade positiva em sentido ético (bom) e estético (belo) que o narrador coloca na boca de Deus como sua imagem na qual Ele se reconhece”.¹³

O corpo é, pois tido como projecto de Deus, projecto plural, relacional e compartilhado. A dimensão corporal dos humanos é a ponte de ligação a todos os demais elementos criados. É a expressão da tarefa de “domínio” ou ordenação de todas as coisas criadas.

Assiste-se, hoje, a um imenso esforço por parte da teologia feminista cristã em torno da questão antropológica, com vista à reconstrução de uma antropologia cristã, que não só supere os pressupostos androcêntricos, que informam o pensamento teológico canónico, como integre os contributos das teorias feministas, que vêm sendo desenvolvidos pelas várias disciplinas pertinentes.

Em particular, a assimilação do conceito de género não pode deixar sem consequências a antropologia cristã.

O relato bíblico acerca da criação, se interpretado como experiência da fé de Israel, designadamente no contexto da sua dupla libertação, da escravidão do Egipto e do cativeiro na Babilónia, contextualizado e confrontado com os mitos então conhecidos, permite fundamentar aspectos relevantes para a representação do feminino, tais como:

- a mulher é, incontestavelmente, considerada como ser humano de plena estatura;
- a mulher e o homem surgem como revestindo idêntica natureza e apresentando-se com valor idêntico;
- a mulher e o homem surgem como parceiros em que ambos têm estatuto de perfeita igualdade;
- a mulher e o homem são, uma e outro, criados à imagem e semelhança de Deus;
- a mulher e o homem estão convidados por Deus a uma relação de intimidade e de aliança assente na igualdade e no respeito recíproco.

A interpretação destes textos no quadro do mito do pecado original tem obscurecido e prejudicado a sua rica densidade ética.

Destaco três aspectos.

Em primeiro lugar, a associação do corpo e a sensorialidade à transgressão tende a ignorar ou a subestimar o lugar do corpo e da sensorialidade como veículo de responsabilidade.

Desvalorizando e temendo o desejo, tende-se a ficar numa visão fragmentada do corpo e abre-se a porta a todas as alienações.

Culpabilizando Eva por ter cedido à sedução da serpente, esquece-se que a mulher (tal como o homem) está em representação da humanidade (o ser humano total) e que a narrativa da queda é, apenas, e tão só, a ilustração do dilema humano face à ambivalência de todo o processo de humanização.

Nota final

O meu desejo com esta comunicação é mostrar como do desenvolvimento de uma teologia feminista se pode legitimamente esperar um contributo muito positivo para a representação do feminino na cultura ocidental contemporânea. Fi-lo, recorrendo a exemplos que ilustram alguns dos campos de interesse da reflexão teológica. Ficam, no entanto, por abordar muitas outras áreas igualmente relevantes para a compreensão do feminino, como sejam a noção e a imagem de Deus/Deusa que só por limite de espaço e de tempo não aflorei neste texto.¹⁴

Não concluirei, porém, sem fazer referência a duas áreas de aplicação da teologia feminista, que podem ser do maior impacto na alteração, não só das representações mas também das práticas (atitudes e comportamentos), relativamente a novo paradigma de incorporação do feminino nas sociedades seculares e nas igrejas. Refiro-me, por um lado, aos símbolos usados nas liturgias e, por outro, à participação das mulheres nos ministérios ordenados.

Existe, hoje, copiosa e interessante bibliografia sobre uma e outra destas áreas temáticas e será por sua mediação que se poderão esperar mudanças significativa no futuro.

Notas

- 1 *Diccionario de Teologia Feminista*, ed. Vozes, 1997, p. 502.
- 2 *Ibidem*.
- 3 Cf. M. T. Santiso, *La mujer espacio de salvacion. Misión de la mujer en la Iglesia, una perspectiva antropológica*. Ed. Trilce, Montevideo, 1991. Nesta obra, fica amplamente documentado o importante percurso que foi feito, desde Leão XIII aos nossos dias, pelo pensamento teológico oficial da Igreja católica acerca da temática da mulher e do feminino.
- 4 Têm-se multiplicado, a ritmos vertiginosos, as obras de teologia feminista que têm sido publicadas nas últimas duas décadas, sobretudo nos Estados Unidos, na Europa e na América Latina. Marco significativo de todo este labor intelectual é a edição, em 1995, de um *Diccionario de Teologia Feminista*, organizado por Elisabeth Gossman e outras teólogas alemãs. Outro indicador significativo da importância alcançada pela teologia feminista é o facto da conceituada revista *Concilium* ter passado a reservar um dos seus quatro números anuais às temáticas da teologia feminista. Não menos ilustrativo é a realização do Primeiro Sínodo Europeu de Mulheres, que teve lugar em Gmundem (Áustria), em 1996, e decorreu sob o lema "As mulheres pela mudança no século XXI". Vd. Pilar de Miguel (ed.), *Europa con ojos de mujer. Primer Sínodo Europeo de Mujeres*. Ed. Verbo Divino, 1996.
- 5 I. Gomez-Acebo (ed.), *Relectura del Genesis*, Col. *En Clave de Mujer*. Ed. Desclée de Brouwer, 1997. Além da coordenadora da edição, a obra inclui outros valiosos contributos de teólogas espanhola muita conceituadas: Carmen Bernabé Ubieta, Elisa Estévez López, María Dolores Aleixandre Parra e Mercedes Navarro Puerto.
- 6 *Ibidem*, p. 12.
- 7 Cf. I. Gomez Acebo, *Un Jurado Feminino Declara a Eva: no Cupable*, in *op. cit.*, p. 13.
- 8 Cf. María Dolores Aleixandre, *Las Matriarcas*, in *op. cit.*
- 9 Vd. Elisa Estévez, *Las Grandes Ausentes. La Memoria de las Esclavas en los Orígenes de Israel*, in *op. cit.* .
- 10 Vd. E. S. Fiorenza, *In Memory of Her. A Feminist Theological Reconstruction of Chritian Origins*. The Crossroad Pub. Co., Nova Iorque, 1988. Existe tradução em português, editada pelas E. Paulinas, S. Paulo, 1992.
- 11 Cf. J. Y. Leloup, *L'Évangile de Marie*, ed. Albin Michel, 1997.
- 12 Mercedes Navarro (dir.), *Para Comprender el Cuerpo de la Mujer. Una Perspectiva Bíblica y Ética*. Ed. Verbo Divino, 1996.
- 13 Mercedes Navarro, *Cuerpos Invisibles, Cuerpos Necesarios. Cuerpos de Mujeres en la Biblia: exégesis y Psicología*, in *op. cit.*, p. 142.
- 14 No *Diccionario de Teologia Feminista*, obra já citada, são 95 as entradas consideradas correspondentes a outros tantos temas abordados pela teologia feminista.